

1

O NOME

«O facto é que sempre tive mais dúvidas do que certezas.»

«Tem a certeza?»

«O quê? Ah, está a ser irónico. Mas é verdade. E sempre achei que essa talvez seja a minha melhor qualidade. Notou o talvez, espero.»

A noite prometia ser longa. Mas eu tinha dito que sim, que viesse. E até, se necessário, que poderia dormir na saleta-quarto lá em cima. Sofá japonês dos que se puxam as costas para a frente, depois para trás, e fica cama. Casa de banho minúscula mas isto não é hotel nem residência de diplomata.

«Não vai ser necessário. Terei de ir antes. Devo ter de ir. Por isso é melhor que você saiba tudo. Não, mas é verdade. O que lhe disse das dúvidas.»

Obviamente ia continuar até não haver amanhã. Ou para conseguir que não houvesse amanhã. Afinal conhecendo-nos pouco, de início só de encontros ocasionais em funções públicas aqui e além. É certo que ao longo de vários anos. Na Embaixada em Londres, duas ou três vezes em Lisboa, uma vez na Gulbenkian em Paris. Ambos evitando grupos grandes onde ninguém ouve ninguém, gostos semelhantes, boas conversas, mas nada de exageradamente pessoal. Depois passou a telefonar-me antes de vir a Londres, para saber de óperas e teatro que valesse a pena. Tornámo-nos tão amigos quanto é possível ser a partir de certa idade. E tinha lido alguns dos

meus livros, o que sempre afaga o narcisismo. A dizer que gostava dos meus romances por serem inconclusivos. Não me pareceu grande recomendação mas ele explicou. Era como se as vidas das personagens continuassem depois de o livro acabar. Ou como se só então pudessem começar. Considerava que deveria ser essa a função dos escritores. Libertar as personagens. Propiciar-lhes futuros. Dar-lhes o livre-arbítrio que não têm. Não sei se é verdade ou não mas tanto faz, o que importa é que era elogio. Em todo o caso, como geralmente acontece quando se fala dos outros, devia ser de si próprio que estava a falar. De ele próprio querer ser inconclusivo.

Desta vez já estava em Londres quando me telefonou. A pedir para vir a minha casa. Onde só tinha estado uma ou duas vezes, havia anos, nem sei como ainda se lembrava do endereço. Isto cerca das dez da noite. A dar a entender que estava numa situação complicada. Depois explicaria. Hoje em dia não tenho horários rígidos, portanto porque não? Estava visivelmente inquieto, pareceu-me mesmo que assustado. Mas a não dizer porquê, até que disse muito mais tarde, quando o que disse parecia ocultar mais do que revelar. Fui deixando que ele dissesse, presumindo que estava a querer explicar o inexplicado por vias sinuosas. Não quis comer nada, aceitou um copo de vinho que não chegou a beber, fiz mais café, a S foi-se deitar, e fiquei a ouvir as causas das dúvidas, os benefícios das incertezas e as origens da vida.

Mais ou menos o seguinte, a meio caminho entre o que ele disse e como me lembro de ele ter dito. Tanto quanto possível sem comentários e intervenções minhas. Em todo o caso a tentar reproduzir o seu modo de dizer as coisas, que é onde as coisas são ditas. Caso venha a ser necessário, já que ele sugeriu que talvez seja. Mas, até ser ou não ser, sem qualquer necessidade prática, apenas porque escrever é aquilo que faço, acabei um livro há mais de dois anos e comecei há dias outro que poderia perfeitamente não ser este que talvez venha a ser. Ainda à procura de personagens que me interessem, começo

sempre por aí, o que lhes acontece vem depois como se por iniciativa delas. Logo veremos. A minha única preocupação é não estar sempre a escrever o mesmo livro sobre a mesma gente, a vistoriar o vistoriado. Não tenho muita paciência para eu ser sempre o mesmo, quanto mais as minhas personagens. Nem sequer quando as disfarço nas minhas próprias circunstâncias para poder ser quem não sou.

Bom, mas o meu inesperado visitante a dizer, como se isso fosse pertinente para a inexplicitada situação em que agora se encontrava, que mesmo o relativo sucesso da sua carreira profissional dependera, em larga medida, de circunstâncias exteriores à sua vontade. Não as tendo podido determinar, soubera, no entanto, utilizá-las, como aliás competia a um diplomata de um pequeno país com passado e sem futuro. E que assim conseguira ir parecendo ter-se tornado em quem se tinha tornado na sua vida pública, a cópia de quem poderia ter sido, sabendo embora que poderia ser outro noutras circunstâncias. Ou até nas mesmas, como afinal são as circunstâncias de todos quando reduzidas às essências que, em resumo, consistem em ter-se nascido de alguém, mesmo se a contragosto de parte a parte, e em morrer-se só, mesmo se acompanhado pelo boca-a-boca do pronto-socorro. Mas a acrescentar, depois de outra golada de café frio, que se habituara a coabitar consigo próprio no tempo de permeio entre ter não sido e ir não ser, como toda a gente.

Entretanto beneficiara de ter sido novo demais para participar nas guerras coloniais. Que foram, transformando causas em efeitos, quando os poderes instituídos de Portugal pretenderam manter uma visão do passado como imagem do futuro. Depois beneficiou do que parecera ter sido uma revolução parecer ter mudado a imagem do futuro durante uns tempos. O povo unido, que até então não sabia que o era e em breve esqueceria que o fora, saiu à rua, penitenciou-se do passado, imaginou-se no presente, e Portugal tornou-se independente das colónias.

«Você é que disse isso uma vez. Que foi Portugal que se tornou independente das colónias. A escandalizar os bem-pensantes presentes. E eu adoptei o conceito. Embora já não seja inteiramente verdade, é claro. Agora emigra-se muito para lá.»

É claro. Como tudo, é e não é inteiramente verdade. Mas pelo menos tinha deixado de ser necessário ir matar gente em África como dever patriótico para patrioticamente regressar sem braços ou sem pernas e com a cabeça cheia de não ter entendido porquê e para quê. Os dúbios benefícios do Império foram substituídos por subsídios não totalmente desperdiçados do Mercado Comum Europeu, até que afinal tinham sido desperdiçados e agora estamos nesta. Hábitos antigos de viver à custa de riquezas alheias para um depois que logo se veria o que podia ser. Em todo o caso as condições de vida da maioria da população melhoraram durante uns tempos, isso era justo reconhecer, os governos passaram a ser eleitos e deseitados como lá fora, a corrupção democratizou-se, a ineficiência normalizou-se, houve quem se alegrasse, houve quem se inquietasse, e também houve aquele comentário de um antigo governante em confortável exílio no Brasil: «É o progresso... Dantes estávamos nós no poder. Agora estão os nossos primos.»

«O que também não é inteiramente verdade. Sei por experiência própria. Nem todos somos primos dos primos.»

Por uns tempos tinha passado a haver também lugar para alguns não-primos razoavelmente compatíveis e para algumas mulheres discretamente desenvoltas. Na carreira diplomática, por exemplo, e vinha a propósito porque foi o seu caso, quando o redesenhado futuro nacional necessitou que se abrissem consulados e embaixadas em países até então excluídos dos mapas ideológicos. Os sobreviventes da velha guarda encarregaram-se de treinar os novos diplomatas a tornarem-se tão indistinguíveis deles próprios quanto possível e assim se assegurou a desejável evolução na continuidade. O país ficou suspenso entre o que tinha sido e o que poderia ter vindo a

ser. Também hábitos antigos. Afinal, quinhentos anos antes, tinha havido um rei que desapareceu numa tarde de sol africano e que haveria de voltar um dia destes para resolver tudo numa manhã de nevoeiro europeu.

«Sendo assim, continuámos todos à espera. Portanto continuei à espera. E portanto tudo o que me foi acontecendo foi como se não fosse a mim que aconteceu. E eu sempre à espera. Comigo excluído de quem passei a ser.»

Ele não era primo de ninguém mas, pelo menos, tinha um nome suficientemente neutro para não envergonhar: Victor Marques da Costa. E até com a vantagem de aparências alternativas em várias línguas: Marquez, Markus, Cuesta, Coste, Kostas, e aí por diante. Victor talvez revelasse uma excessiva intenção voluntariosa por parte de quem lho deu, mas da Costa há muito deixara de trazer consigo a memória de presumíveis tráfegos escravagistas na costa de África, poderia igualmente ser referência a algum antepassado que tivesse vivido pacificamente na costa junto ao mar. Sobretudo com a ajuda de uma vírgula criativa.

E eu:

«?!»

Sim, isso mesmo, uma vírgula criativa, como lhe tinha acontecido havia poucos dias, aqui em Londres. Que eu desculpasse, não me tinha dito antes que vinha a Londres porque desta vez era para ter sido uma visita rápida e meio secreta, para uma espécie de *think tank* sobre a exportação da democracia para os povos oprimidos.

«Você conhece o género: armas apaziguadoras, bombardeamentos salutares, destruições benéficas, torturas tonificantes. Tudo isto com a crise económica a ajudar.»

E notou que estava a ser tratado com especial deferência. Ele, que não sabia atirar uma pedra com uma fisga nem nunca tinha roubado um ninho às aves. Percebeu porquê quando viu na lista dos participantes que tinha havido uma vírgula acidental no seu nome completo: Victor Silva, Marques da Costa.

Os ingleses não percebem nada de acentos, menos ainda dos circunflexos, trataram-no por *Marquess*, com um inútil *s* acrescentado, e ele, para o prestígio do seu país, não desmentiu. E também porque nesse caso poderia passar a ter tido um senhorio ancestral silvestre nalguma costa marítima, não era? Ficou a imaginar como deveria comportar-se para ser marquês. Talvez andar mais direito, de cabeça erguida, olhar firme e gestos confiantes. Procurou lembrar-se do que acontece no teatro quando um actor faz, por exemplo, de rei numa peça de Shakespeare. E concluiu que não, que o actor não precisa de andar o tempo todo com a coroa na cabeça, pode perfeitamente passear-se pelo palco como se estivesse de roupão em casa, os outros actores é que lhe fazem vénias ou dizem mal dele pelas costas e é por isso que toda a gente fica a saber que aquele é o rei. Ou que deixou de ser, como o coitado do Ricardo II.

No fim da última reunião de trabalhos, um oligarca russo e um saudita oleaginoso vieram convidá-lo a ir com eles a um clube exclusivo que eles sabiam, com umas escravas sexuais quase virgens recentemente importadas do Leste da Europa.

«Não tenho saco nem bolsa para escravas remendadas e, já que era marquês, desculpei-me dizendo que tinha um convite da rainha para jantar no Buckingham Palace. Certamente entenderiam que não podia recusar. A genealogia também serve para confundir. E depois, tal como a memória, para esquecer.»

Desde sempre conseguira confundir memória e esquecimento. Tinha herdado do pai a ambição de estar onde não estava e da mãe o desejo de não estar onde estava. O pai terminara a vida como um discreto afinador de pianos, depois de uma juventude boémia tocando nos bares da zona portuária. A contiguidade marítima tinha tornado possível que, nos anos intermédios, andasse embarcado nos paquetes da carreira de África até as guerras os transformarem em transportadores de tropas sem direito a orquestra. A mãe ambicionara ser cantora de ópera e dava aulas extracurriculares de solfejo num colégio particular.

E ele, segundo os documentos, nascera em Lisboa. Mas os pais diziam que tinha nascido numa ilha que não vinha nos mapas, e ele preferia que tivesse sido assim.

Nunca soube exactamente os pormenores da vida dos pais antes de ter nascido ou, já que segundo os especialistas dessas atrapalhões congénitas nenhuma criança consegue integrar no seu imaginário a sexualidade dos pais, porventura teria preferido não saber. Tinham-se encontrado no mar, presumia. Um mar metafórico, é claro, como em poesia. Bom, o pai tinha sido músico de bordo. Mas a mãe? Passageira do navio? Cantora com a orquestra? Uma jovem rebelde, foragida da família? E que família teria sido a dela? E, já agora, a do pai embarcado? E então o que aconteceu? Tudo teria sido possível, nada era certo. Talvez algum crime hediondo que os unisse. Um crime era pouco provável, eram pessoas respeitadoras da lei. Mas teria sido interessante. Ou talvez, mais nobremente, perseguições políticas de que tivessem precisado de esconder-se. Ou provavelmente nada disso, mais provavelmente apenas um casamento banal, de gente vinda da província para a cidade, sem amigos ou protecções de família. Poderia ter verificado tudo isso, é claro.

«Bom, sim, verifiquei mais ou menos. Mas sem querer de facto saber. Preferi deixar as coisas como eles as tinham deixado. Por uma questão de respeito. E também porque percebi que uma coisa dita e uma coisa acontecida são coisas diferentes. Entre as quais nem sempre é necessário escolher. Se calhar é o que vocês, escritores, sempre souberam. Embora nem todos. Ou nem sempre. Mas julgo que você sabe.»

Quaisquer que fossem essas coisas que aconteceram ou que poderiam ter acontecido, os pais certamente se esforçaram para lhe dar um futuro melhor do que teria sido o passado deles. Mas enquanto não havia futuro, todas as histórias fantásticas que lhe contavam e que poderiam ter sido sobre eles próprios aconteciam num *lá fora* que simultaneamente lhe estimulava a imaginação e desviava a curiosidade. Ele escutava-as como se

fossem transposições de música em palavras que depois, nos serões em que a mãe cantava acompanhada ao piano pelo pai, reencontrassem a música adequada como versos de uma ária, de um *Lied*, de uma cançoneta de *vaudeville*. E isso lhe bastava para entender que, não importa o que mais lhes tivesse acontecido, tinha de facto havido entre eles *um grande amor* que estaria ainda a ser manifestado no isolamento activo da sua vida suspensa, sem amigos ou parentes ou sequer retratos que não fossem dos três e do cão que, com a passagem do tempo, não poderia ter sido sempre o mesmo mas que era como se fosse porque era sempre um labrador preto e era sempre chamado Piloto. Os pais cumprimentavam os vizinhos com distante delicadeza e estes, passado algum tempo, habituaram-se a não esperar deles mais do que isso. E ele também se habituara àquele pequeno universo simultaneamente confinado e propiciador de amplas vidas imaginadas num inespecificado *lá fora* de expectantes possibilidades.

Quando era adolescente ficava horas a desenhar mapas onde mudava a localização dos países, articulando-os em novas combinações mas de modo a caberem em espaços equivalentes noutras partes do mundo com formas, cores e fronteiras diferentes, outras populações, outros passados históricos, outros futuros possíveis. E escrevia por baixo, patrioticamente, como lhe tinham ensinado que devia ser em todas as circunstâncias: *Portugal*. Mas os mapas também poderiam ter sido, sem que então o pudesse entender e só retrospectivamente poderia ter pensado, um exercício de livre-arbítrio que lhe permitia preencher, como se por escolha própria, o espaço indeterminado entre o acidente do nascimento e a inevitabilidade da morte. Pensaria igualmente, com aquela incerteza sobre si próprio que os jovens têm por ainda se sentirem próximos da morte de onde vieram, que ele poderia ter sido uma das inumeráveis outras pessoas que nunca chegaram a nascer e que por isso nunca poderão morrer, ficando eternamente a gravitar em volta de quem não foram, como personagens de novelas.

«Os jovens sentem-se imortais porque ainda se não habituaram à vida, você não acha? Depois habituamo-nos e morreremos. Ou desnacemos, não é?»

Ainda assim foi cumprindo sem desvios aparentes os seus deveres escolares e completou em devido tempo um apropriado curso universitário de História e Geografia que lhe confirmou que Portugal era grande e que o seu glorioso passado seria o futuro imaterial da humanidade. Estudou textos antigos e modernos a comprová-lo. Enquanto aguardava o porvir, ia tendo um convívio superficialmente fácil com os colegas, teve uma quase-namorada que talvez desejasse poder ter amado ou, melhor ainda, ter sido amado por ela, mas nunca lhe ocorreu passar uma noite fora de casa, como também nunca achou necessário dizer aos amigos onde morava. Mesmo já depois de adulto, quando ele e os pais regressavam a casa das suas respectivas tarefas tributáveis, ao fim da tarde, deixava de haver lugar para o mundo dos outros.

«Presumo que também por uma questão de respeito. Não sei. Ou sim, talvez. O que não sei é respeito por quê ou por quem. Isso é que eu deveria ter sabido e ainda não sei.»

O pai e a mãe escolheram morrer, sem espalhafato, quando ele completou o curso universitário que os pianos e o solfejo haviam propiciado e já se sabia que seria aceite na expandida carreira diplomática. Numa manhã, achando estranho que os pais ainda se não tivessem levantado, eles sempre tão pontuais ao pequeno-almoço, foi encontrá-los deitados, abraçados um ao outro, com um frasco de barbitúricos vazio na mesa-de-cabeceira. Teriam querido enganar a solidão da morte, foi o que ele mais tarde conseguiu pensar, reencontrando-se no grande amor que haviam transferido para ele até poderem deixá-lo entregue a uma vida sem eles no vasto lá fora do mundo dos outros. E assim foi.

Os três tinham morado num arrabalde pobre na zona oriental da cidade, numa velha casa de renda barata e muros esboçados que desde havia muito deveria ter sido demolida ou

colapsado por vontade própria. Enquanto não se desintegrava de todo, era suficientemente espaçosa para também acomodar o piano e o cão. Depois da morte dos pais, mudou-se para um pequeno apartamento mais sólido no centro da cidade. Deixou o cão envelhecido e o piano desafinado entregues ao seu próprio destino por já não caberem na sua nova vida, e aproveitou o tempo e o espaço livres para se exercitar numa compensatória sequência de namoros activados pela nova militância feminina então em curso. Começando por uma terapêutica senhora mais velha, casada com um diplomata marginalizado do antigo regime que ainda pairava como uma sombra nos corredores do Ministério. As mulheres gostavam que ele gostasse delas e ele ia fazendo o que podia para que gostassem dele, sempre atento e respeitador dos desejos dos outros.

Instalado nas suas novas circunstâncias, pôde também sem grande esforço permitir que os diplomatas mais antigos e os novos colegas mais tradicionalistas interpretassem, de acordo com os seus próprios valores e antecedentes sociais, a nostalgia que genuinamente lhes dizia sentir pelos serões musicais em casa dos pais, com o cão a querer também participar, de cauda contente ou testa franzida consoante a mãe cantava áreas alegres ou *Lieder* melancólicos, ele próprio muitas vezes partilhando o piano com o pai, os dois a acompanhá-la a quatro mãos. Nada do que recordava do seu passado seria inteiramente mentira nem era inteiramente verdade. Tal como, quando mais novo, desenhava mapas coloridos com os países mudados a ocuparem espaços equivalentes noutros lugares, assim também gostava de imaginar recordações que poderia ter tido.

Gostava, por exemplo, de recordar que tinha vivido numa casa grande, com outras ao longe. Talvez noutro país. Poderia mesmo não ser assim tão grande mas que, quando era pequeno, tivesse parecido grande. No campo, numa colina com árvores em volta, sobre um rio de água verde. Certamente gostaria depois que assim tivesse sido então. Havia um piano na sala,

isso sem dúvida que havia, tocado por mãos invisíveis enquanto ele ficava a ouvi-lo no jardim e as aves cantavam ao som do piano. O espaço desabitado entre a casa e o rio fazia medo por não se saber o que lá pudesse estar à espera. O cão, o Piloto, acompanhava-o sempre. Pêlo negro, com um vinco na testa, entre os olhos que ficavam a olhá-lo até entender o que estava a querer que ele quisesse, o vinco ficando mais profundo com o franzir da testa, o nariz húmido e trémulo de expectativa. O cão começara por ser do seu tamanho. Depois, quando ele cresceu, levantava-se sobre as patas de trás para chegar à sua altura, a querer abraçá-lo de contentamento por afinal ambos continuarem a ser os mesmos. Às vezes a fazê-lo cair para ficarem da mesma altura, os dois a rir, cada um com gargalhadas à sua maneira.

Ao fim da tarde iam investigar o que poderia haver oculto pelas árvores no espaço secreto entre a casa e o rio. Fazia um medo bom, que gostavam de partilhar, o cão a levantar as sombras que subitamente se transformavam em corpos fugidios entre as raízes das árvores, ele a observar os reflexos luminosos do sol que saltitavam dos ramos mais altos para os mais baixos até tudo em volta ficar escuro e só se ouvirem sons abafados que pareciam chamá-los debaixo da terra. Um dia o cão desapareceu. Disseram que estava velho e que tinha morrido. Mas ele não acreditou, ficou à espera que voltasse de entre as árvores. Até que outro dia deixou de haver música, a casa ficou silenciosa, as aves deixaram de cantar, e ele mudou de casa. Esqueceu-se de chamar o cão e o cão nunca voltou.

Depois, agora, onde tinha ido morar, no centro da cidade, as casas estavam pegadas umas às outras. Havia muitas casas. É certo que as casas estavam enraizadas em vales e em colinas. E que também se via o rio a entrar no mar, depois das últimas casas, mais ao longe. Casas brancas, casas amarelas, algumas cor-de-rosa. Também alguns prédios mais altos, a pontuarem a simetria dos telhados. Mas, sobretudo, o verde fazia-lhe falta. Havia poucas árvores e as que havia estavam

aprisionadas em parques com grades em volta ou tinham sido alinhadas como guardas ao longo das ruas. Eram árvores que obedeciam a uma vontade alheia, não tinham vontade própria. Ou talvez tivessem toda a vontade concentrada nas raízes ocultas debaixo do chão. As raízes de algumas árvores cresciam tanto em segredo que rachavam o asfalto. O rio, ao longe, às vezes ficava esverdeado, mas era quase sempre mais cinzento do que azul.

«E portanto tudo passou a ser assim. Mais cinzento do que azul. Com o verde a fazer falta.»

Portanto ou não, não teria precisado de mentir, nem de facto mentiu, para que gradualmente passasse a ter tido, já que o nome não permitia verificáveis ancestralidades aristocráticas, pelo menos um passado de burguesia rural empobrecida, sem dúvida preferível à estridência das novas visibilidades sociais de outros colegas da sua geração.

«Tornei-me, em suma, num diplomata condigno do nosso país. Naquele que você conheceu todos estes anos.»

A despeito disso, ou também por isso, quando chegou a altura de ser enviado para o seu primeiro posto no estrangeiro, a velha guarda decidiu que o mais adequado seria a Alemanha do Leste, em Berlim, do lado de lá do muro, na punitivamente decadente zona monumental da capital dividida do país separado de si próprio. Que portanto iria ser, para ele, o lado de cá do muro. Mas pelo menos sabia alemão por causa das óperas de Wagner e dos *Lieder* de Schubert.

O colega que ia substituir pertencia ao género semiparvo de quem já sabe tudo. Voltara de Berlim como se nunca tivesse ido, mas ainda assim procurando informá-lo do essencial, à despedida, com um comentário que pretendia irónico e algumas recomendações que presumiu úteis:

«Parece que a música, no género, não é má. Pesadota. Da que você deve gostar. E agunte-se com o Brecht. Mas tenha cuidado com as mulheres e com as escutas. Boa sorte! Ah, e dê lembranças ao Otto.»